



# Histórias inéditas da Florianópolis antiga (1900-1920)

*Billy Culleton*



Billy Culleton

# Histórias inéditas da Florianópolis antiga (1900-1920)

Florianópolis, 2020



# Sumário

1 - Delírio, comoção e morte – No século passado, gripe espanhola infectou 30% da população da Capital

2 - As grades que cercavam a Praça XV há mais de 100 anos ainda estão pelo Centro da Capital

3 - Parque da Luz – De cemitério municipal a área verde privilegiada no Centro de Florianópolis

4 - Um século da tradicional Avenida Hercílio Luz: do Rio da Bulha à canalização e cobertura total

5 - A história da centenária chaminé de incineração do lixo urbano, no Centro, desativada em 1958

# Apresentação

Conhecer o passado é fundamental para poder entender o presente e refletir sobre o futuro.

A partir dessa premissa, o projeto “Histórias inéditas da Florianópolis antiga” busca resgatar a memória da capital catarinense, por meio de reportagens jornalísticas.

Este é o segundo de quatro e-books, com cinco histórias cada um, divididos por época: 1800-1900, 1900-1920, 1920-1940 e 1940-1960.

Os textos, que foram publicados originalmente no Portal Floripa Centro, mostram fatos que marcaram a Capital, seja pela sua relevância histórica mais formal ou pelo significado cultural e folclórico para os florianopolitanos.

São fatos chamativos que estão guardados apenas na lembrança das pessoas que os vivenciaram, ou em jornais antigos e livros de História, e que correm o risco de serem condenados ao esquecimento por falta de divulgação.

Como exemplo, podemos citar que um século antes da pandemia do Coronavírus, Florianópolis foi arrasada pela gripe espanhola. Cerca de 30% da população da cidade, na época com 36 mil habitantes, foi infectada, provocando comoção e dezenas de mortes.

A rotina dos moradores foi radicalmente alterada pela presença da doença. O temor e o pânico se instalaram na população florianopolitana, ao ponto de se afirmar que, de fato, existiram duas epidemias: a da gripe espanhola e a do medo da gripe espanhola.

As outras quatro matérias jornalísticas tratam sobre a transformação urbana que começou entre 1900 e 1920, como a retirada e reinstalação das grades que cercavam a Praça XV, a conversão de um cemitério em parque, a alteração de um rio numa avenida e a história da chaminé usada para a incineração do lixo que ainda está em pé.



Imagem: Mary Evans Picture Library

## **Delírio, comoção e morte – Há um século, gripe espanhola infectou 30% da população da Capital**

Entre outubro de 1918 e abril de 1919, 30% da população de Florianópolis foi atingida pela gripe espanhola. Dos 36 mil habitantes da Ilha, cerca de 10 mil foram infectados pela doença e 124 morreram.

A pandemia, que vitimou mortalmente 50 milhões de pessoas pelo mundo e 31 mil no Brasil, chegou à Capital a bordo do vapor Itaquera que, vindo do Rio de Janeiro, atracou em Florianópolis em 6 de outubro de 1918, trazendo 38 passageiros gripados.

Sete dias depois já era notificada a ocorrência do primeiro caso autóctone da influenza espanhola.

O jornal *O Estado*, de 19 de outubro de 1918 informava que o vírus já se encontrava entre os catarinenses e enfatizava seu ‘caráter benigno’.

### **A influenza hespanhola**

Embora sem grande intensidade a influenza também está grassando em Florianópolis, com carácter muito benigno.

As nossas autoridades sanitárias, de acordo com o sr. Secretario do Interior, estão tomando as providencias precisas para evitar a rapida propagação da terrivel epidemia.

A grande maioria dos doentes, 6 mil, se encontravam no perímetro urbano da ilha, ou seja, o atual centro da cidade, segundo o Relatório Anual de 1918, do Inspetor de Higiene de Santa Catarina, Joaquim David Ferreira Lima.



*Doentes da gripe na foto de autoria desconhecida em hospital do RJ em 1918*

## **Pavor toma conta da cidade**

Artigo publicado pela Revista da Associação Catarinense de Medicina, em 2011, chamado “*A pandemia de influenza espanhola (1918) em Florianópolis*” revela detalhes da abrangência da doença na cidade. Os autores, Bruno Rodolfo Schlemper Junior e Ana Claudia Dall’Oglio, realizaram profunda investigação sobre o fato, recorrendo a arquivos públicos e jornais da época.

Segundo eles, a rotina da cidade foi radicalmente alterada pela presença da pandemia. O temor e o pânico se instalaram na população florianopolitana, ao ponto de se afirmar que, de fato, existiram duas epidemias: a da gripe espanhola e a do medo da gripe espanhola.

O caos na cidade foi registrado pelos jornais da época. *O Estado*, de 16 de novembro de 1918 e, portanto, na curva máxima da pandemia em Florianópolis, pintou em cores dramáticas a situação do cotidiano das pessoas humildes durante o surto (foi mantida a grafia original):

*“Homens validos, operarios e jornaleiros, foram arrastados a mais extrema penuria. Familias que nunca appellaram para a caridade publica se tem visto na dolorosa contingencia de mendigar por recursos para os seus doentes, pois a impossibilidade de trabalharem as compelia a esta triste necessidade. Não se pode fazer uma idéia fiel e precisa do sofrimento, afflicção e da angustia que vae pelos bairros pobres, onde a peste grassou e está grassando com intensidade”.*

Relatório da Inspetoria de Higiene, de 1918, deixa claro sobre a calamidade que se instalou no dia-a-dia de Florianópolis. *“Uma rajada devastadora e mortífera, transformando e desorganizando por completo a vida ordinária de todas as localidades, enchendo de apreensões e depois de pânico a todos os espíritos”*.

O jornal **O Estado**, de 6/11/1918, sob o título *“Pensemos nos pobres”*, descreve a intensidade com que a gripe atingiu as classes menos favorecidas e solicita o apoio dos mais ricos.

DIÁRIO O ESTADO Sábado, 16 de Novembro de 1918 N. 1057

# O ESTADO

— Jornal de maior circulação em Santa Catharina —

ANNO IV

Directo: Sr. José Augusto Lopes da Silva  
Redacção e Off. Imp. — Rua João Pedro, 13  
Tel. 24000, 22 — Caixa Postal, 139

ASSURADORAS  
Anno 245000 — Semestre 125000  
Numero ann. e 100 rês — Altitude 200 rês.

## A ALLEMANHA E A PAZ

É o melhor facto que aliviará as ansias e o lamento e o lamento, mas  
há bem outras coisas a fazer.

O dr. Rodrigues Alves e a  
imprensa londrina

A Liga das Nações

### A SITUAÇÃO DOS NOSSOS POBRES É AFFLICTIVA E IMPRESSIONANTE

Temos esperanças de que o povo bom e generoso da nossa terra, bem compreendendo a angustiada situação dos pobres, corra pressuroso a acudir-os.  
As. im. esperamos que a onteça, h. je, amanhã e até quando for preciso, para que o nome da terra de S. Catharina p. la grande bondade do seu povo seja sempre bemdicto.

O jornal chegou a instalar uma Comissão de Assistência, a qual estimava, em 19 de novembro, ter socorrido mais de 4 mil pessoas necessitadas. Esta ação do jornal foi decorrente da inexistência de serviços públicos capaz de dar atenção à população socialmente mais vulnerável.

Confira nota do jornal *Terra Livre*, de Florianópolis, de 29/11/18, sobre proibição a aglomerações de pessoas:

*“O Sr. Superintendente Municipal, de acordo com o Sr. Dr. Inspector de Hygiene, expediu hoje portarias proibindo as romarias aos cemitérios e entrada de mais de oito pessoas nos mesmos por ocasião de enterros”*.

As autoridades também determinaram a desinfecção de carroças de lixo e recomendavam evitar visitas a cortiços e outras casas consideradas de baixa higiene.

Ao mesmo tempo, recomendavam a desinfecção das casas de dois em dois dias com água e creolina, exposição diária ao sol das roupas de cama, manter as portas e janelas abertas durante o dia.

A obra “*O garoto e a cidade: Florianópolis dos anos 20*”, de Renato Barbosa, retrata o pavor causado pela doença:

*“Estabelecimentos de ensino fechados; os cinemas cerraram as portas; a turma se dispersava dos pontos habituais; os sinos da Catedral plangiam a finados o dia todo; o obituário de “O Estado” arrolava nomes conhecidos e queridos; os gêneros alimentícios escasseavam no mercado; os médicos não tinham mãos a medir; agonizantes, estertorando, se amontoavam pelas alas e corredores do Hospital de Caridade e do Hospital Militar; nas farmácias, os estoques de medicamentos iam sendo consumidos, hora a hora (...)”*.



Charge publicada na época ironiza chegada da doença ao país (autor desconhecido)

## **Soluções caseiras**

As incertezas e o desconhecimento da comunidade médica diante da nova pandemia, que acabou matando o presidente brasileiro Rodrigues Alves, fizeram com que fossem prescritos medicamentos já usados em outras doenças, como a quinina – conhecida no combate à malária – e que se mostrou ineficaz.

Assim, começaram a surgir fórmulas caseiras a fim de conter a doença, com os mais diversos ingredientes, como água destilada, bicarbonato de sódio e raízes guiné, além de purgante de óleo de ricino, aspirina e arsênico.



Infectados com gripe em hospital (Imagem do Senado Federal, autor desconhecido)

Os sintomas envolviam febre, dores de cabeça e catarro. O jornal *A República*, em novembro de 1918, descreveu os sintomas da doença entre os florianopolitanos.

*“O começo da molestia é ordinariamente brusco. Em geral os typos clássicos da influenza começam por uma “febre” bastante forte, depois de repetidos “arrepios” de frio, violenta “dor de cabeça”, grande prostração geral, e muito frequentemente “dores” bastante intensas das “costas e das cadeiras. A prostração é algumas vezes tão profunda que pessoas bem robustas são obrigadas a se meter na cama. Outras vezes se observam symptomas nervosos, excitação e delírio”.*

A última morte pela gripe espanhola em Florianópolis foi em abril de 1919, ou seja, há exatamente um século.

## Curiosidades



– O presidente brasileiro Rodrigues Alves, eleito em março de 1918 para o segundo mandato, cai de cama “espanholado” e não toma posse. O vice, Delfim Moreira, assume interinamente em novembro, à espera da cura do titular. Alves, porém, morre em janeiro de 1919, e uma nova eleição é convocada.

– A gripe espanhola apareceu pela primeira vez nos Estados Unidos.

– No Rio de Janeiro chegou em setembro de 1918.

– A pandemia de influenza espanhola é considerada, até os tempos atuais, como a maior e mais grave das doenças infecciosas que afetou o mundo, calculando-se que, em 1918 e 1919, metade da população mundial foi contaminada (600 milhões) e que entre 20 e 100 milhões de pessoas morreram em consequência de suas graves complicações respiratórias.

– Em Florianópolis, entre os afetados 52% eram mulheres e 48%, homens.

– Já em relação aos óbitos por faixa etária, o grupo de 0 a 9 anos respondeu por 22%; o de 10 a 19, por 11%; o de 20 a 29 anos, por 19%, e o de 30 a 39, por 16%, enquanto nos grupos com idade igual ou superior a 40 anos, este percentual foi de 13%.



Imagem: Acervo da Memória

## **As grades que cercavam a Praça XV há mais de 100 anos ainda estão pelo Centro da Capital**

A Praça XV de Novembro, no Centro da Capital, esteve cercada com muros e grades de ferro por mais de duas décadas: entre 1891 e 1912. O acesso do público era restrito, com horários controlados para visitação.

A instalação serviu como uma espécie de apartheid, buscando separar pessoas das distintas classes sociais da cidade.

“A cerca metálica protegia madames que ali conversavam e vigiavam as filhas, enquanto empregadas domésticas ouviam galanteios de operários, soldados e marinheiros junto às calçadas externas”, conta o jornalista Paulo Clóvis Schmitz, em reportagem publicada no *Jornal Notícias do Dia*, de 5/2/2017.



Imagem: Acervo da Memória

A cerca, com os gradis fundidos na Inglaterra, foi inaugurada pelo ‘presidente’ da província de Santa Catarina, Gustavo Richard, em 1891.

A retirada, em 1912, seguiu ordens do prefeito Henrique Rupp, que decidiu abrir a praça para toda a sociedade, segundo conta Adolfo Nicolich da Silva, no livro “*Ruas de Florianópolis*”.



## **História escondida, mas presente nas ruas**

As grades foram reaproveitadas em três construções históricas do Centro de Florianópolis: a Maternidade Carlos Corrêa (na Avenida Hercílio Luz), o Asilo Irmão Joaquim (na Avenida Mauro Ramos) e a Igreja Nossa Senhora do Rosário (Rua Marechal Guilherme, na frente da escadaria do Rosário).



*Centenária Maternidade Carlos Corrêa (Billy Culleton)*



*Asilo Irmão Joaquim (Billy Culleton)*



*Igreja Nossa Senhora do Rosário (Billy Culleton)*



*Detalhamento das grades na atualidade: no asilo e na maternidade (Billy Culleton)*

## Cadê os portões?

Dos quatro portões de acesso à Praça XV nunca mais se teve notícias: entre os florianopolitanos mais antigos existe a lenda de que um deles estaria na entrada do Cemitério São Francisco de Assis, no Itacorubi.

Mas a reportagem do *Floripa Centro* foi até o local, e o antigo portão difere daqueles que aparecem nas fotos originais da praça cercada, embora o desenho circular da parte inferior seja similar (poderia ter sido cortado na parte superior). Fica o mistério...

Os funcionários do cemitério, no entanto, negaram que a estrutura de ferro fosse da Praça XV e foram unânimes em afirmar que o atual portão principal do ‘campo-santo’, outrora, estava instalado no Mercado Público Municipal.



*Portão de entrada do cemitério do Itacorubi (à esq.) e a entrada da Praça XV*



## **Parque da Luz – De cemitério municipal a área verde privilegiada no Centro de Florianópolis**

Durante 70 anos, a área de quase 4 hectares (tamanho de quatro campos de futebol), na região central de Florianópolis, ficou completamente abandonada.

Antes disso, por oito décadas e até 1925, no local funcionou o cemitério municipal de Florianópolis. Mas foi em 2020 que o atual Parque da Luz foi descoberto pela maioria da população da Capital, impulsionado pela reabertura da ‘vizinha’ Ponte Hercílio Luz.

### **Retrospecto histórico**

No século 19, a área era chamada Colina da Vista Alegre ou Morro do Barro Vermelho. Em 1840, no local foi instalado o cemitério municipal.

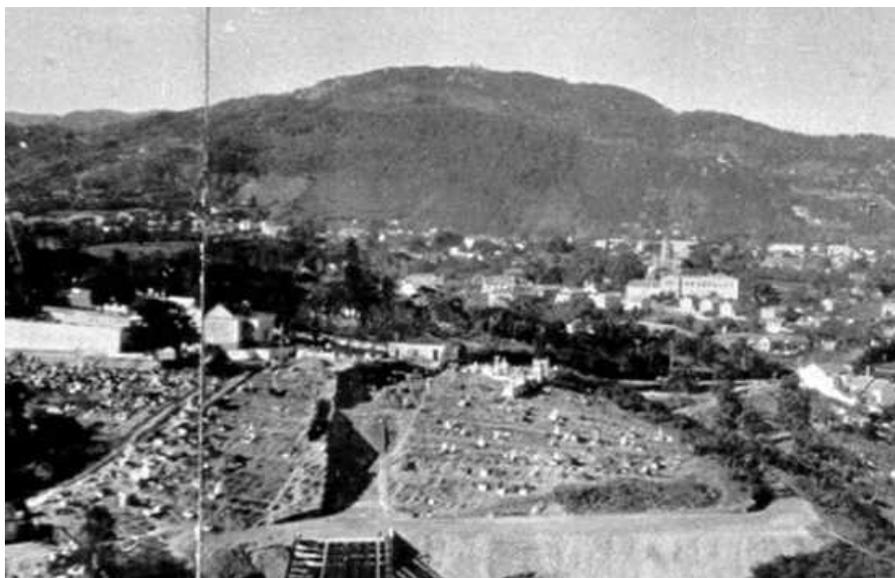
O ‘campo santo’ era considerado afastado da região central da cidade (a um quilômetro do Mercado Público) e ficava no topo do morro, que era mais alto do que na atualidade, já que foi rebaixado duas vezes.

Em 1925, um ano antes da inauguração da Ponte Hercílio Luz, o necrotério foi transferido para o Bairro do Itacorubi, levando a maior parte dos 30 mil corpos ali sepultados.

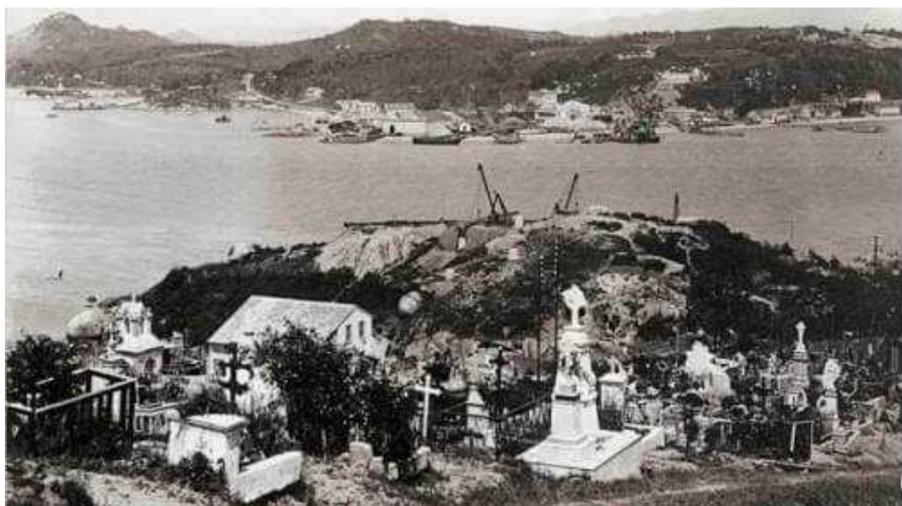
Nas décadas seguintes, estudantes de Medicina e Odontologia ainda frequentavam o local buscando ossos para seus estudos.

Pode ser essa a justificativa pelo abandono e negligência do poder público por quase um século: o temor dos fantasmas ilhéus que rondariam o local, mas que hoje aproveitam a felicidade dos conterrâneos que frequentam o parque e, por isso, já não assustam mais ninguém.

Confira a galeria com as fotos da evolução do Parque da Luz ao longo dos últimos anos:



*Década de 1910: cemitéria municipal em primeiro plano (Casa da Memória)*



*Década de 1920: começa a construção da Ponte Hercílio Luz (Casa da Memória)*



*Década de 1940: cemitéria municipal em primeiro plano (Casa da Memória)*



*Década de 1970 (autoria desconhecida)*



*Década de 1980 (autoria desconhecida)*



*Década de 1990 (Billy Culleton)*



*Década de 2000 (autoria desconhecida)*



*Década de 2010 (Billy Culleton)*



*Ano 2013 (Billy Culleton)*



*Ano 2015 (Billy Culleton)*



*Ano 2020 (Billy Culleton)*

## A luta pelo parque

Na década de 1990 quando os primeiros edifícios começaram a ser construídos nos altos da Rua Felipe Schmidt, os novos moradores da região ‘descobriram’ o local, que se encontrava completamente abandonado.

Para lutar pela preservação do espaço, até então ignorado pelas autoridades, foi criada, em 1997, a Associação dos Amigos do Parque da Luz. Na época, a área já era cobiçada por construtoras e também pelo poder público, que cogitava construir ali a sede da prefeitura.

Mas a mobilização da comunidade e de ecologistas da cidade conseguiu reunir 10 mil assinaturas, o que abriu o caminho para que a Câmara de Vereadores, em 1998, transformasse o espaço em Área Verde de Lazer, garantindo a sua preservação.

## Boicote do poder público

A conquista não trouxe o apoio esperado das autoridades municipais, que, ‘magoadas’ com a derrota, boicotaram qualquer ajuda oficial. A saída, então, foi juntar forças e recursos próprios dos moradores para manter o parque. Dezenas de vizinhos começaram a doar, por meio da conta da Celesc, pequenos valores mensais, suficientes para pagar um único funcionário, Seu Dário.



*Seu Dário, sozinho na manutenção do parque por décadas (Billy Culleton)*

Foi Dário que durante duas décadas trabalhou sozinho, cuidando, roçando e podando as árvores, que foram sendo plantadas voluntariamente pela população, sem nenhuma orientação.

Atualmente, são cerca de 5 mil exemplares, de todos os tipos, que cresceram nos últimos 20 anos, já que antes era um terreno baldio, sem nenhuma vegetação.

### **Lendas e preconceito**

O Parque foi sendo ocupado gradualmente para atividades de lazer, principalmente, pelos moradores do entorno e também por esporádicos eventos musicais e exposições.

Porém, o preconceito do restante da população florianopolitana com relação à área foi se acentuando: “um local abandonado e inseguro, frequentado por moradores de rua e dependentes de droga”.

Essa descrição injusta, parcial e que denotava desconhecimento, foi reforçada pelos meios de comunicação, com frequentes reportagens superficiais e sem dados, já que houve pouquíssimos registros de crimes no Parque da Luz.



*Gradualmente, a população começou a descobrir seus encantos (Billy Culleton)*

## Redescoberta

Nos últimos anos, as administrações municipais começaram a dar um pouco mais de atenção ao local.

Foi instalada a sede da Floram numa construção que era ocupada irregularmente por uma costureira por 20 anos. Só em maio de 2019 foi inaugurado o sistema de iluminação.

Mas, agora, finalmente, o Parque é de todos!



*Piqueniques e eventos culturais são frequentes no espaço verde (Billy ulleton)*

Graças à reabertura da Ponte Hercílio Luz, em 30 de dezembro de 2019, a população tem começado a frequentar a área e a prefeitura fez algumas melhorias.

Adultos e crianças de todas as classes sociais brincam alegremente, correm, pulam e sobem nas árvores.

De uma hora para outra descobriram a única área ainda verde do Centro, com fácil acesso e onde é possível desfrutar do canto dos milhares de pássaros que ali têm seu lar.

Um 'muito obrigado' a todos os que, desde 1995, lutaram para garantir este espaço que, agora, está sendo redescoberto e aproveitado por toda a população.

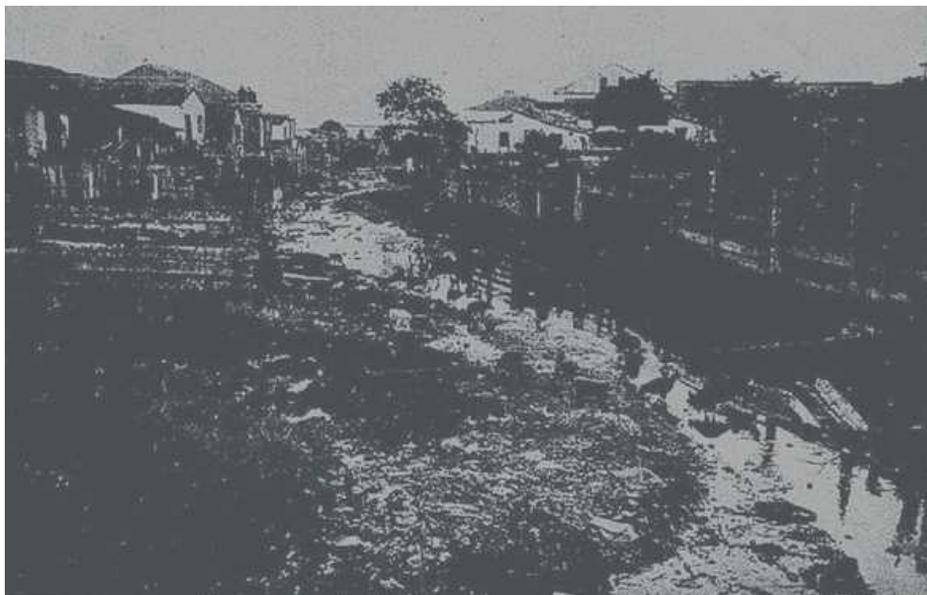


*Imagem: Casa da Memória*

## **Um século da tradicional Avenida Hercílio Luz: do Rio da Bulha à canalização e cobertura total**

Na década de 1920 o Centro de Florianópolis começou a se transformar a partir de algumas obras de saneamento.

A principal delas foi a canalização do Rio da Bulha, que deu origem à Avenida Hercílio Luz.



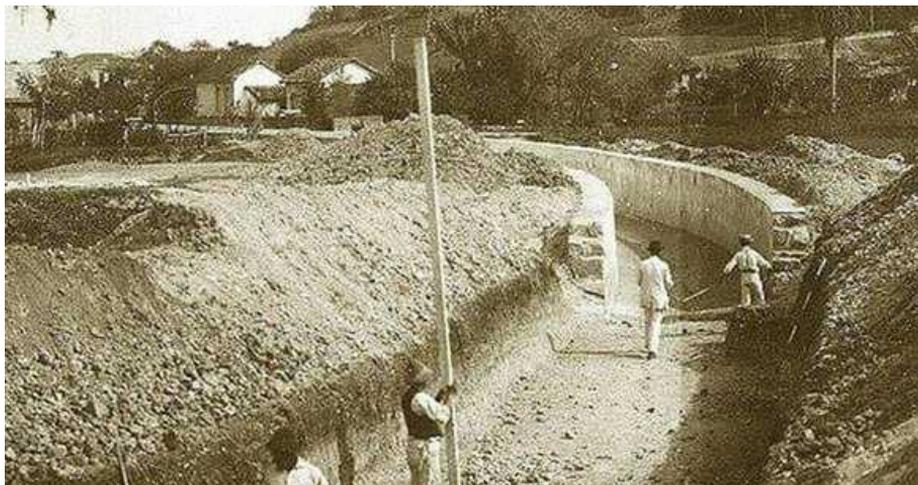
*O Rio da Bulha era imundo e recebia o esgoto das casas (Acervo Casa da Memória)*

*“Por ser uma obra de grande envergadura, que teria início na Rua José Veiga (atual Mauro Ramos), desde as encostas do Morro do Antão, o trabalho requeria grandes somas de dinheiro e, por isso, foi sendo prorrogado desde as últimas décadas do século 19”, escreveu o historiador Carlos Humberto Côrrea, no livro *História de Florianópolis Ilustrada*.*



*A revitalização no início da década de 1920 (Acervo Casa da Memória)*

Inicialmente, foi construído o canal da Fonte Grande, não cimentado, que passou a servir de despejo das casas, até a antiga Ponte do Vinagre, que unia a Rua Tiradentes ao Largo Treze de Maio.



*Ano 1922 com o canal em fase final (Acervo Casa da Memória)*

A finalização da obra só foi possível em 1922, após o Estado adquirir vários terrenos, demolir algumas residências, derrubar pontes e construir outras para deixar a obra pronta em setembro, inclusive arborizada e com iluminação pública, conta Côrrea.



*Registro de 2005 do jornalista Carlos Damião*

A abertura da ‘grande avenida’, também chamada de Avenida do Saneamento, exerceu profunda modificação no traçado urbano de Florianópolis pela valorização das margens do rio canalizado.

A partir de então, a Hercílio Luz passou a ser uma das regiões residenciais prediletas da classe média e ali multiplicaram-se “habitações de fachadas ecléticas, dotadas de conforto e padrões de higiene saídos”, como explica a arquiteta e urbanista Eliane Veras da Veiga, no livro *Florianópolis Memória Urbana*.



*A cobertura total do canal só foi feita no fim da década de 2000 (Billy Culleton)*



## **A história da centenária chaminé de incineração do lixo urbano, no Centro, desativada em 1958**

Há exatos 105 anos, Florianópolis se modernizava com relação à destinação dos resíduos urbanos.

Para isso, em 1914, foi inaugurado o forno incinerador de lixo, localizado perto da futura Ponte Hercílio Luz, aberta em 1926.



*Coleta de lixo nas cidades no início do século XX (Arquivo municipal do RJ)*



*Descarte no mar, um costume nas cidades litorâneas (Arquivo municipal do RJ)*



Atualmente, a chaminé de tijolos aparentes, com 25 metros de altura, é o último resquício daquele conjunto arquitetônico, chamado de Forno Incinerador de Lixo, onde atualmente funciona um setor da Fundação Municipal de Meio Ambiente (Floram), da Prefeitura de Florianópolis.

O forno foi construído entre 1910 e 1914 pela firma Brando e Cia, dos irmãos Miguel e Batista Brando, e contava, ainda, com um galpão de dois pavimentos, de acordo com registros da arquiteta e urbanista Elaine Veras da Veiga, no livro *“Florianópolis, memória urbana”*.

Na obra de construção, trabalharam Reinaldo Bicoke e o servente carroceiro João de Souza, que transportava o material.

## Como funcionava

No interior do galpão havia um forno de tijolos refratários com duas câmaras de combustão onde os dejetos eram lançados ao fogo por um alçapão.



*Local onde ficavam os galpões de incineração, depois demolidos (Billy Culleton)*

A fumaça provocada pela combustão percorria um duto subterrâneo até alcançar a chaminé, por onde era eliminada.

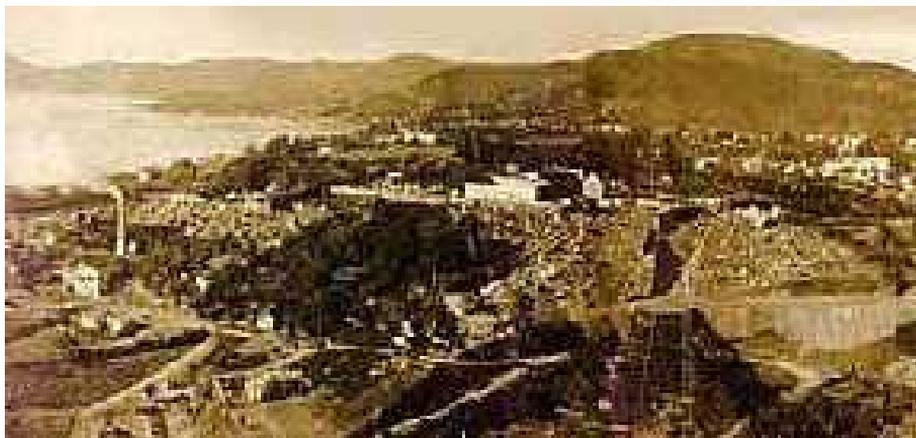


*Por dentro da chaminé existe uma escada de ferro que leva ao topo da edificação*

## Perfil da cidade na época

No início do século XX, Florianópolis já contava com uma população de 14 mil habitantes.

Possuía mais de 600 casas comerciais e a indústria, modesta e diversificada, oferecia móveis, chapéus, café processado, telhas de cimento, vinagre, bebidas, sabão e fogos de artifício, além de cigarros, massas alimentícias, açúcar refinado, caramelos, roupas, bordados, rendas e pregos.



*Década de 1920, a chaminé (E) e o cemitério municipal (D) - (Casa da Memória)*



*Foto de Felipe Bündgets, em 1925, desde a Ponte Hercílio Luz, mostra a chaminé*

## Intervenções urbanas em prol da saúde pública

Na época, as intervenções urbanísticas na Capital eram variadas e estavam respaldadas pelo cientificismo do momento, através dos médicos e higienistas, que modificavam a cidade em nome da saúde pública.



*Imagem sem data especificada (Acervo Casa da Memória)*

Entre essas medidas, segundo pesquisadores da ONG Patrimônio Cultural Brasileiro, estavam o alargamento de ruas, a canalização de córregos utilizados pela população para a lavagem de roupa e a transferência do cemitério municipal existente no atual Parque da Luz para o ‘distante’ Bairro do Itacorubi.

Foi esse mesmo bairro que abrigou, entre 1958 e 1990, o lixão da cidade, com a consequente desativação do forno incinerador, que funcionou por 44 anos no Centro.

